



O Jornalismo de Desacontecimentos: proposições para um novo modo de produção noticiosa a partir das narrativas de Eliane Brum

Tayane Aidar Abib¹

Mauro de Souza Ventura²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, SP

Resumo:

Este trabalho propõe a caracterização de um novo modo de fazer jornalismo a partir do estudo da produção noticiosa de Eliane Brum. Tomando como *corpus* de análise os livros “A Vida que ninguém vê” e o “Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real”, tem-se por objetivo conceituar o Jornalismo de Desacontecimentos e identificar novas técnicas de reportagem para o cenário noticioso atual. Com isso, busca-se compreender de que forma o jornalismo de Brum se diferencia dos registros de uma mídia convencional, orientada por saberes específicos que indicam as posturas a serem adotadas em cada etapa da produção jornalística. Esta pesquisa se ocupará, portanto, em verificar a possibilidade da existência de valores e técnicas jornalísticas que destoam dos procedimentos da mídia tradicional.

Palavras-chave: Jornalismo; Técnicas de Reportagem; Apuração; Entrevista; Eliane Brum.

INTRODUÇÃO

Da escolha da pauta à publicação da reportagem, perpassando os processos de contato com as fontes, entrevista, apuração e escrita, o jornalismo de Eliane Brum se revela distinto do praticado pela mídia tradicional em cada etapa da produção jornalística. Com uma linguagem característica, resultante da intersecção entre jornalismo e literatura, e técnicas de reportagem diferenciadas, Eliane assume-se como uma repórter de desconhecimentos.

Sustentando-se em tal definição, o presente trabalho busca analisar e entender de que forma o jornalismo de Brum se diferencia dos registros de uma mídia tradicional, orientada por saberes específicos que, segundo Traquina (2005), caracterizam a competência profissional necessária para ser jornalista.

Pretende-se, portanto, identificar critérios e valores que fundamentem novas proposições de técnicas de reportagem para a produção noticiosa na atualidade, tomando como objeto de estudo duas das obras de Brum que reúnem uma seleção de seus escritos para dois meios de comunicação: “A Vida que Ninguém Vê”, em seu período de trabalho no jornal Zero Hora, na década de 1990, e o “Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real”, na revista Época, durante os primeiros anos de 2000.

¹ Estudante de Graduação 8º Semestre do Curso de Jornalismo da FAAC – UNESP, e-mail: tayaneaabib@gmail.com

² Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAAC-UNESP, email: mauroventura@faac.unesp.br

Para desenvolver a análise, recorre-se às formulações de Traquina (2005) sobre a tribo jornalística, um conceito que compreende os jornalistas como membros de uma comunidade interpretativa, unida por uma “série de assunções e crenças partilhadas” (p.47). A constituição dessa tribo resulta do processo de profissionalização do campo jornalístico e da conseqüente formação de *ethos* próprio. À medida que o jornalismo se constitui como profissão - e os profissionais se enquadraram como portadores ou possuidores de maior conhecimento do que outros - formam-se sistemas de crenças e de interações, sociais e técnicas. O grupo desenvolve, assim, seus próprios interesses e uma cultura de valores compartilhados.

Nessa competência profissional específica e necessária para ser jornalista, Traquina (2005) elenca três saberes: o de reconhecimento – que engloba os critérios de noticiabilidade - o de procedimento - que se refere aos seus conhecimentos e técnicas sobre a notícia – e, por fim, o de narração - que consiste na capacidade de empacotar todas as informações em uma narrativa noticiosa, estruturada pelo lead da pirâmide invertida: uma fórmula noticiosa do “quem”, o “quê”, “onde”, “quando”, “porquê” e “como”-.

O que se percebe, portanto, é a existência de uma cultura noticiosa comum. Há uma semelhança na cobertura jornalística que sugere um sistema de valores comuns entre as organizações – um sistema reforçado pela grande proximidade, a partilha de informação, e a observação do trabalho de outros jornalistas.

Uma das conseqüências de um “pensamento de grupo” comum é aquilo a que se chama “jornalismo em pacote”, isto é, os fenômenos frequentemente observados de uma legião de jornalistas cobrindo a mesma história da mesma maneira. (TRAQUINA, 2005, p.26)

Diante desse cenário noticioso, propõe-se a caracterização de um novo modelo produtivo – pensando na formulação de novas técnicas de reportagem – a partir do estudo dos textos de Eliane Brum durante seu período de trabalho em veículos da mídia convencional. Dessa maneira, após analisar os estudos sobre a prática midiática tradicional, expressos nas obras sobre Teorias do Jornalismo de Nelson Traquina, faz-se possível perceber critérios e valores que sustentam o Jornalismo de Desacontecimentos e elucidam novos modos de apuração, entrevista e escrita - diferentes dos saberes específicos abordados anteriormente.

A arte do olhar e do escutar: sujando os sapatos em busca da literatura da vida real

Praticar um jornalismo divergente dos modelos tradicionais vai além de assumir concepções e fazeres destoantes da mídia convencional. Trata-se de propor novas



possibilidades dentro do cenário noticioso. E, neste quesito, a campanha de Brum é pela volta dos sapatos sujos, é pela arte do olhar e do escutar, um exercício cotidiano de resistência.

“Desde pequena sou uma olhadeira e uma escutadeira, raramente uma faladeira, e vou engolindo as novidades com os olhos e com os ouvidos, sempre ávida por mais” (BRUM, 2013, p.13). O olhar e o escutar constituem-se enquanto valores integrantes das técnicas de apuração de Brum. Isso porque o esvaziamento do repórter, a máxima defendida por Brum, dá-se na medida em que o mesmo consegue se despojar de seus juízos pré-definidos para deixar-se preencher pelos pensamentos e significados do outro. Neste percurso de despojamento e preenchimento, a arte de olhar e de escutar atua como dispositivo de entrega dos novos valores que passarão a compor as concepções do jornalista em torno da história do outro.

E, por esses termos, entende-se não somente o que se vê e o que se escuta, mas o que se obtém por todos os órgãos sensoriais. O cenário noticioso também é composto por cheiros, nuances, silêncios e texturas, e só se faz possível tatear esse ambiente ao se assumir essa técnica tão imprescindível no jornalismo de Brum. No jornalismo de desacontecimentos, os enredos dos anônimos são os que merecem permear as reportagens. A partir do relato dos detalhes que compõem o cotidiano de pessoas comuns, Eliane consegue desvelar as mazelas que assolam o país e adentrar em suas veias sociais. E tudo isso somente se pode sustentar em uma concepção jornalística que propõe valores e técnicas diferenciadas, interessadas em tocar a dimensão do outro, a partir do esvaziamento do eu repórter.

A escuta também compõe a técnica de entrevista do Jornalismo de Desacontecimentos. E escutar, segundo Brum, é não interromper as pessoas quando elas não falam na velocidade que se gostaria ou com a clareza que se desejaria e, principalmente, quando elas não dizem o que se pensava que diriam. Escutar é, portanto, não induzir as pessoas a dizer o que se gostaria, é deixar-se surpreender por ouvir algo que não se planejar. Escutar é tempo de espera, de reflexão.

“Como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber ouvir a resposta...Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos” (BRUM, 2008, p.38). Neste trecho, depreende-se mais um valor do jornalismo de Brum: em sua técnica de entrevista, o segredo é ouvir, e não invadir na busca por uma declaração nova ou polêmica. Caminhando na vertente oposta das orientações de entrevista pregadas nas redações convencionais, a única postura de Brum é se disponibilizar ao outro, assumir um diálogo possível, como propõe Medina (2008).

Ao valorizar a escuta em detrimento das perguntas, a Brum revela interesse pelo modo de ser e o modo de dizer de seus personagens, dando voz à vida que ninguém vê e rompendo o paradigma convencional de atrelar-se às fontes oficiais e desconsiderar a visão oriunda de personagens do povo, da sociedade e das fontes não oficiais.

Assim, Brum permite que sua técnica de entrevista ultrapasse “a intimidade entre o EU e o TU” e que tanto um como o outro se modifiquem. Dialogando com o método de Medina, a repórter deixa-se envolver pelo diálogo dos afetos, reconhecendo o mundo e lhe imprimindo o toque humano, desafiando o “status tecnológico com a inventividade das pequenas histórias de vida” (Medina, 2003, p.60), e conferindo uma postura dialógica e humanizada ao fazer jornalístico contemporâneo.

MÉTODOS E DESCRIÇÃO DO PROCESSO

O presente estudo é resultado de um projeto de Iniciação Científica desenvolvido com financiamento da FAPESP, entre o período de maio de 2013 a setembro de 2014, e a realização de um estágio de pesquisa no Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ), da Universidade Nova de Lisboa, com supervisão da Profa. Dra. Maria Estrela Serrano e financiamento da bolsa BEPE/FAPESP.

Para fundamentar teoricamente a pesquisa, aludiu-se aos estudos sobre Teorias do Jornalismo, no que toca a concepção de notícia e técnicas de reportagem, recorrendo às análises de Traquina (2005), Lage (2006), Sodré (2009) e Sousa (2002). Além disso, utilizou-se como referência às análises de Medina (2003) sobre a possibilidade de supera o da herança positivista no jornalismo a partir da constru o de “um diálogo dos afetos”.

O trabalho sustentou-se, ainda, na formula o de inferências sobre o Jornalismo de Desacontecimentos e suas técnicas de reportagem a partir de um estudo sobre as temáticas e personagens presentes nos textos de Brum, com posterior análise interpretativa de suas produ oes. Para finalizar, realizou-se uma entrevista, via telefone, com a jornalista, com o intuito de complementar as investiga oes e lançar novas reflexões para a pesquisa.

CONSIDERA OES FINAIS

Aprofundar-se no estudo do jornalismo de Eliane Brum   verificar a existência de valores e técnicas jornalísticas que destoam dos procedimentos da m dia tradicional. Em um cenário noticioso cujo compasso   regido por interesses mercadológicos, a prática de Brum faz perceber a essência de um jornalismo que não se deixa corromper. Especializada em



contar histórias de gente, a repórter resiste ao fazer jornalístico padronizado da grande imprensa e prova ser possível fazer um jornalismo capaz de transformar a percepção de seus leitores para o mundo, através de técnicas de reportagem que resgatam a função de mediação social do jornalismo, com proposições de valores de despojamento, de olhar e de escuta.

Um jornalismo que se deixa modelar por padrões noticiosos é também um jornalismo que se recusa a enxergar a realidade em sua totalidade. Treinada a olhar em uma mesma direção, sempre sob o mesmo ângulo, a mídia tradicional esquece-se de voltar-se a vida que está bem ali, todos os dias, sendo vista por ninguém. Tão mergulhada e acostumada a uma rotina, a grande imprensa se esquece de noticiar as histórias compartilhadas por todos, que se repetem.

Antes de fazer, Eliane é seu jornalismo. Um jornalismo visceral, que nasce de dentro e que depende de processos internos para se revelar. Um parto, que exige entrega e transparência, que tem tempo de amadurecimento. Um jornalismo que quer ser estrangeiro e não turista. Que não quer arrancar histórias, mas ser digno de contá-las. Um jornalismo que até parece utopia. Esquecido, impossível, inviável. Um jornalismo que renasce e se reinventa na prática noticiosa de Eliane Brum.

Referências

- BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- _____. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- _____. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 6. ed., Record, Rio de Janeiro, 2006.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente – narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.
- _____. **Ciência e jornalismo. Da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2003.
- _____. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SODRE, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem**: Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.
- TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e 'estórias'. Lisboa: Vega, 1993.
- _____. **Jornalismo 2000**. Lisboa, Relógio d'água, 2000.
- TRAQUINA, Nelson, **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Vol. 1. Insular: Florianópolis, 2005.
- _____. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Insular: Florianópolis, 2005.
- TUCHMAN, Gaye. **A objectividade como ritual estratégico**: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e 'estórias'. Lisboa: Vega, 1993.